

DOM LEFÈBVRE E A NOVA MISSA

Padre Paul Aulagnier, IBP

Traduzido por Marcelo de Souza e Silva

Fonte : [Revue Item](#)

A FSSPX, por sua própria vontade e com o consentimento de Bento XVI, dará início, sem mais tardar, a discussões doutrinárias com as autoridades romanas sobre o Concílio Vaticano II e, mais particularmente, sobre o problema da liberdade religiosa após o mesmo concílio, sobre o ecumenismo, sobre o diálogo interreligioso e sobre a reforma litúrgica, principalmente sobre a reforma da Santa Missa. O objetivo desses «colóquios necessários», como o diz o Cardeal Rè em seu decreto de levantamento das excomunhões, será «aprofundar todas as questões que permanecem em aberto» a fim de que «se possa chegar rapidamente a uma plena e satisfatória solução do problema que se pôs no início».

Para abordar convenientemente tais colóquios, as autoridades da FSSPX deverão trabalhar ativamente – sem dúvida elas já o fazem – e penderem com convicção para o pensamento de Dom Lefèbvre.

É isto que eu tenho feito pessoalmente, esta semana retomei a leitura de um número de “*Itinéraires*”, o número 233, de maio de 1979 intitulado: «*Mgr Lefèbvre et le Saint Office*» (Dom Lefèbvre e o Santo Ofício).

1978-1979: Essa foi a época em que o dossiê «Lefèbvre» fora confiado pelo Papa Paulo VI, depois pelo Papa João Paulo II, ao Cardeal Seper. Este cardeal enviara a Dom Lefèbvre, em uma carta em 28 de janeiro de 1978, um volumoso questionário no qual Dom Lefèbvre deveria dar explicações sobre alguns de seus pronunciamentos e atos. Ele deveria fazê-lo inicialmente por escrito, depois durante alguns colóquios. O cardeal lhe dizia: «Sua Santidade o Papa Paulo VI encarregou a Sacra Congregação para a Doutrina da Fé de examinar vossa situação na Igreja do ponto de vista das proposições doutrinárias que vós tomastes em vossas declarações e vossos escritos e que se exprimem também no que empreendestes». Aí estava anexa uma exposição dos pontos em litígio: «O anexo, lá estava

Dom Lefèbvre e a Nova Missa – Pe. Paul Aulagnier

Fratres in Unum.com

escrito, compreenderá duas partes sendo que cada uma terá suas subdivisões. A primeira parte tratará das asserções particulares sobre: 1) a liberdade religiosa segundo o Vaticano II; 2) O *Ordo Missae* promulgado pelo Papa Paulo VI; 3) o rito da Confirmação igualmente promulgado por ele. A segunda parte terá por objeto asserções mais gerais: 1) sobre a autoridade do Concílio Vaticano II; 2) sobre a autoridade do Papa Paulo VI».

Dom Lefèbvre deveria responder a tudo aquilo no mesmo mês.

Enfim, notemos que a finalidade de tudo aquilo estava perfeitamente expressa pelo Cardeal Seper: «Estas respostas serão estudadas com um profundo interesse; visto que a Congregação para a Doutrina da Fé deseja ardentemente que com a ajuda do Senhor vós possais encontrar o caminho de uma verdadeira reconciliação com o Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo e sua Igreja».

1978. 2009. Eis que nos encontramos na mesma situação materialmente falando.

A FSSPX está novamente, como Dom Lefèbvre, diante da Congregação para a Doutrina da Fé para discussões doutrinárias cujo objeto é o mesmo: dar esclarecimento sobre os pontos doutrinários. A finalidade é a mesma: regularizar uma situação canônica.

Obviamente, Dom Lefèbvre compreendia, em 1978, o valor histórico de tudo aquilo. Ele apresentou seu dossiê em “*Itinéraires*” com as seguintes palavras: «Eu não poderia deixar de pensar com toda sinceridade que esses colóquios têm um valor histórico, porque eles são o eco de uma oposição profunda, que remonta a pelo menos o Concílio de Trento, entre a doutrina católica e o liberalismo protestante, entre a fé católica e o naturalismo racionalista maçônico, cuja história nos quatro últimos séculos constitui uma ilustração dramática».

A importância histórica hoje é a mesma. Ela não mudou.

Mas Roma está na mesma situação? Muitos demonstraram que a situação de Roma mudou, ao menos quanto à autoridade suprema, o Papa Bento XVI!

Neste número de *Regard Sur Le Monde*, eu darei a resposta que Dom Lefèbvre escreveu sobre a questão particular do *Ordo Missae*. Eu reservarei para os próximos números o problema da liberdade religiosa. O desenvolvimento dessa última é mais longo.

Dom Lefèbvre e a Nova Missa – Pe. Paul Aulagnier Fratres in Unum.com

A – O *Ordo Missae* publicado pelo Papa Paulo VI

Esta questão está, na carta do Cardeal Seper, o segundo ponto particular. Eis as críticas que o Cardeal Seper dirige ao pensamento de Dom Lefèbvre sobre este ponto particular da Nova Missa:

«Vossa crítica do *Ordo Missae* promulgado por Paulo VI vai mais longe que uma preferência litúrgica, ela tem um caráter essencialmente doutrinal. Vós dissestes com razão que há três realidades essenciais no sacrifício da Missa: “o Sacerdote... a presença real e substancial da Vítima que é o Cristo... a oblação sacrificial realizada pelo sacerdote na consagração” (*Un évêque parle* p. 142). Infelizmente vós ainda dissestes que “toda a Reforma (litúrgica) diretamente ou indiretamente golpeia estas três verdades essenciais à fé católica” que “tudo o que foi prescrito se ressentiu claramente (de uma) nova concepção mais próxima da concepção protestante que da concepção católica” (loc. cit.). E vós declarastes: “Não há mais nada da antiga Missa nessa nova concepção... eis porque eu não vejo como se pode fazer um seminário com a nova missa” (op. cit. p. 163). No entanto, vós vos resguardastes de dizer que a nova missa é herética: “Jamais, assegurai-vos, vós não dissestes isso” (op. cit. p. 228). Mas “as mudanças do novo rito” são propícias a fazer que os “jovens padres percam a intenção de fazer o que a Igreja faz e venham a não mais dizer missas válidas” (op. cit. pp. 285-286). Infelizmente vós viestes a falar de uma maneira muito menos moderada: “Como se pode hesitar, vós o dissestes, entre uma missa que é verdadeiro Sacrifício e uma missa que é em definitivo um culto protestante, uma refeição, uma eucaristia, uma ceia como já dizia Lutero?” Pode-se ver nesta última expressão um excesso de linguagem (condenável certamente), mas o restante já é suficientemente grave.

Um fiel não pode por em dúvida a conformidade com a doutrina da fé de um rito sacramental promulgado pelo Pastor Supremo, sobretudo se se trata do rito da Missa que está no coração da vida da Igreja.

De fato, cumpre que se mantenha a ligação entre o sacerdote e a realização do sacrifício da missa na consagração (e a transubstanciação). O *Ordo Missae* de Paulo VI o faz, reservando somente ao sacerdote as palavras consecratórias e o conjunto do cânon, tudo como no rito anterior.

A nova liturgia eucarística de modo algum ataca a fé na presença real e substancial do Cristo sob as aparências do pão e do vinho. Se o número de genuflexões foi

Dom Lefèbvre e a Nova Missa – Pe. Paul Aulagnier

Fratres in Unum.com

restringido, algumas foram mantidas, todavia como sinal de adoração nos momentos culminantes da missa: a consagração e a comunhão. A fé tradicional na presença real continua perfeitamente significada pela elevação e pela prece final do cânon; ela foi posta em relevo na distribuição da comunhão, e afirmada claramente em muitas orações pós-comunhão.

Enfim, o caráter sacrificial e propiciatório da missa, absolutamente reafirmado conforme o Concílio de Trento, no *Praemium n° 2 da Institutio Generalis* no novo Missal romano, está claramente expresso não somente em muitas preces após o ofertório das oblações, mas igualmente nos Cânon.

Ademais, vós mesmo admitistes a validade do novo *Ordo Missae*, suspeitando somente do valor da intenção de muitos que o aplicam. Portanto, vossas declarações a seu respeito e vossa oposição a seu uso semeiam por entre os fiéis a desconfiança, desordem e até mesmo a rebelião.

Com freqüência, vós quisestes justificar vossa oposição pela necessidade de combater os abusos e desordem que se seguiram em um bom número de países ao processo da reforma litúrgica. Entretanto, não é pondo sob suspeita a ortodoxia de um *Ordo Missae* promulgado pela Autoridade suprema da Igreja que vós chegareis a um resultado positivo».

B – Eis abaixo a resposta de Dom Lefèbvre

«A nova concepção do mundo e as relações da Igreja com este mundo deveriam necessariamente alcançar os meios pelos quais a Igreja expressa sua fé e a vive: a liturgia, escola da fé, será pois ela também transformada sob o efeito desse espírito ecumênico-liberal que vê nos protestantes irmãos separados e não mais hereges imbuídos de princípios radicalmente opostos à doutrina da Igreja.

Não se procura mais converter, mas unir, donde o esforço de síntese da liturgia católica e do culto protestante.

A presença de seis pastores protestantes na comissão da Reforma litúrgica é eloqüente.

Dom Lefèbvre e a Nova Missa – Pe. Paul Aulagnier Fratres in Unum.com

O próprio Papa (alocução de 13 de janeiro de 1965) falará de “renovação litúrgica” como “de uma nova pedagogia religiosa” que tomará “o motor central no grande movimento inscrito nos princípios constitucionais da Igreja”, princípios renovados do Concílio.

Dom Dwyer, membro do *Concilium* litúrgico, Arcebispo de Birmingham, reconheceu a importância desta Reforma (coletiva à imprensa, 23.10.67):

“É a liturgia que forma o caráter e a mentalidade dos homens diante dos problemas. A Reforma litúrgica é num sentido profundo a chave do aggiornamento, não vos enganais quanto a isso, **é aí que começa a Revolução...**”

Insistir-se-á sobre o espírito comunitário, sobre a participação ativa dos fiéis, não se pode impedir de pensar sobre o espírito que animou Lutero e seus primeiros discípulos (ver o livro de Cristiani “Do Luteranismo ao Protestantismo”) (ver “As instituições litúrgicas”, de Dom Guéranger, excertos editados pela *Diffusion de la Pensée Française*, especialmente os capítulos 14 e 23). Dom Guéranger, revelando todos os esforços dos hereges contra a liturgia romana, lança uma luz singular sobre a Reforma litúrgica do Concílio e pós-conciliar.

De resto, se se estuda todos os detalhes da nova Reforma da missa em particular, fica-se estupefato de nela encontrar Reformas que Lutero, os jansenistas e o Concílio de Pistóia preconizavam.

Como conciliar esta Reforma da missa com os cânones do Concílio de Trento e as condenações da Bula “*Auctorem fidei*” de Pio V?

Nós não julgamos as intenções; mas os fatos (e as conseqüências desses fatos, semelhantes em outro campo àquelas que foram produzidas nos séculos passados, quando tais Reformas foram introduzidas) nos obrigam a reconhecer com os Cardeais Ottaviani e Bacci (Breve Exame, crítica enviada ao Santo Padre em 3 de setembro de 1969) “**que o novo *Ordo* se distancia de uma maneira impressionante, no conjunto como nos detalhes, da teologia católica da santa Missa, perpetuamente definida pelo Concílio de Trento**”.

Aliás, a “**missa normativa**” apresentada pelo Padre Bunigni em 1967 ao Sínodo dos Bispos em Roma foi muito contestada pelos bispos. Na conferência que ele ministrou aos Superiores gerais em outubro de 1967, à qual eu assistia, nós ficamos estupefatos pela maneira com que o passado litúrgico da Igreja foi tratado. Eu estava pessoalmente

Dom Lefèbvre e a Nova Missa – Pe. Paul Aulagnier Fratres in Unum.com

indignado com as respostas dadas aos que objetavam. Os cardeais Cicognani e Gut me participaram sua imensa dor diante de tal incompreensível reforma. **Um outro cardeal, ainda neste mundo, me dizia que o artigo 7 da Instituição, primeira redação, era herético...**

As explicações, segundo o que dizia o próprio Mons. Bunigni, em nada mudavam a doutrina expressa anteriormente. **De qualquer forma, a Missa nova não foi modificada, ela permaneceu uma síntese católico-protestante.** Os próprios protestantes o reconheceram publicamente.

Se a Congregação da fé mo pedisse, eu poderia fazer um estudo aprofundado e muito preciso com as referências sobre as semelhanças da Nova Missa com o culto protestante e a semelhança das expressões empregadas doravante para as realidades divinas da Missa com as expressões protestantes.

Concluindo, é certo, segundo o que dizem mesmo aqueles que celebram de acordo com o novo Ordo Missae, que **a nova Missa representa uma desvalorização muito sensível do Mistério sagrado bem como na expressão da fé católica nas realidades divinas desse mesmo Mistério: expressão das palavras, dos gestos, dos atos, de tudo o que dá um caráter de sublimidade a esta realidade que está no coração da Igreja.**

Além do que, numerosas supressões e atitudes novas terminaram por gerar a dúvida no espírito dos fiéis e os levaram a adotar uma mentalidade protestante sem que se dessem conta disso.

O ecumenismo liberal produz seus efeitos pouco a pouco e diminui a fé dos fiéis. Muitos abandonam a Igreja, sobretudo os jovens.

Como a Santa Sé pôde se engajar numa tal Reforma sem se preocupar com os atos do magistério, retomando por sua vez os erros dos protestantes, dos jansenistas, do Concílio de Pistóia?

Eis o motivo de nossa adesão à Missa Romana de sempre, que não pode ser abolida e não pode ser objeto de censuras de acordo com o julgamento infalível de São Pio V; nós queremos resguardar a fé católica pela missa católica, não por uma missa ecumênica, ainda que válida e não herética, mas “*favens haeresim*”.

É isto que me faz dizer que eu não vejo como se pode formar clérigos com a nova Missa; o sacerdote e o sacrifício tem uma relação quase transcendental; tornar duvidoso o sacrifício e tornar o sacerdócio duvidoso.»

C – A posição de Julien Green

Dom Lefèbvre adicionava ainda um *confirmatur*: o testemunho de Julien Green da Academia Francesa, juntado à sua resposta um excerto de seu livro “O que falta de amor ao homem”. Sabe-se que Julien Green converteu-se do anglicanismo em 1916.

«Pela primeira vez que eu ouvi a missa em francês, custou-me acreditar que se tratava de uma missa católica e nela eu não me encontrava mais. O que me fez ter certeza foi somente a consagração, mesmo que ela tenha sido palavra por palavra semelhante à **consagração anglicana** (p. 135).

Um dia quando eu estava no campo com minha irmã Anne, nós assistíamos a uma missa televisada... O que eu reconheci, como Anna por sua vez, foi uma imitação grosseira do serviço anglicano que nos era familiar em nossa infância. O velho protestante que cochilava em mim em sua fé católica despertou diante da evidência e absurda impostura que nos oferecia a tela, e esta estranha cerimônia tendo acabado, eu simplesmente perguntei a minha irmã: “por que foi que nos convertemos?” (p. 138).

Eu compreendi repentinamente com que habilidade se conduzia a Igreja de um modo de crer para um outro. Não se tratava de uma manipulação da fé, mas de alguma coisa mais sutil. Àqueles que me tivessem objetado que o sacrifício era mencionado ao menos três vezes na nova missa, eu poderia mencionar que entre mencionar uma verdade e a pôr sob a luz não deixa de haver uma diferença marcante. Que a missa foi também o memorial da Ceia, nós o sabemos bem, mas que a Eucaristia foi também a crucifixão do Senhor, sem o que não há salvação, não se nos diziam mais. Ora, essa realidade do sacrifício propiciatório da missa caminha para ser apagada discretamente da consciência dos católicos, leigos ou sacerdotes.

Os velhos padres que o têm, se assim posso dizer, no sangue, não estão perto de o esquecer e dizem conseqüentemente missas conformes às intenções da Igreja; mas o que dizer dos jovens sacerdotes? Em que eles acreditam? Em que eles ainda acreditam e quem ousaria dizer o que vale a missa que eles celebram? (p. 143)

As encíclicas dos papas não mudarão em nada diante do fato de que o mundo racionalista recusa o milagre. Não se pode fazer admitir a missa se dela se suprime o

Dom Lefèbvre e a Nova Missa – Pe. Paul Aulagnier Fratres in Unum.com

elemento miraculoso. **Redesenhada segundo as dimensões protestantes, ela terá algumas chances de sobreviver na cristandade de hoje, mas não será mais a missa.** (p. 144)

Em uma Igreja em desordem se elevaram redemoinhos quando Dom Lefèbvre tomou posição contra a missa de Paulo VI e o Concílio. A história de sua interminável controvérsia com o Vaticano é demasiado conhecida para que eu a conte aqui. Milhões de católicos não se sentiram tocados e eu fui um desses. A questão que eu colocaria aos padres conciliares é simples: “O que é que se reprova na antiga missa? Resposta: “Ela é obsoleta”. Alhures, se nos dizia que a nova missa se inspirava em fontes mais antigas e se aproximava mais das missas que a Igreja dissera antes. Era necessário especialistas para ver claramente para além desses problemas obscuros. Calorosas discussões tiveram lugar sobre o apagamento do sacrifício da Cruz. Esta cruz na nova missa não era nada além de um fantasma. **Nós estávamos no Cenáculo, na noite da Quinta-feira santa, quando então estávamos simultaneamente na Ceia e no Calvário na missa abandonada de São Pio V.** A abertura era enorme e permitia à Igreja Anglicana entrever uma possível união ardentemente desejada desde antes da guerra de 14. A resposta da nova Igreja foi viva. O sacrifício era citado ao menos três vezes na nova missa. Citado, sim, mas isso era tudo, enquanto a Eucaristia era muito abundantemente explicada aos fiéis. Com toda a evidência, nós estávamos em presença do que os teólogos chamam um obscurecimento de uma parte capital da missa. Protestar foi considerado um ato de rebelião. Os bispos franceses deixaram dizer que a missa de São Pio V estava doravante interdita, o que era uma contra-verdade formal. E o rasgão se fez. De minha parte eu fui muito afetado por isso, porque eu tinha, à idade de dezesseis anos, jurado fidelidade à missa do Concílio de Trento, e hoje me foi ordenado de não mais a assistir. Qualquer que seja a opinião que se tenha a respeito de algumas posições de Dom Lefèbvre, nós devemos a esse prelado francês o fato de haver despertado a consciência de toda uma parte do mundo católico a obrigando a se interrogar sobre sua fé. *Cremos ou não cremos na realidade do sacrifício da missa? Em qual medida estamos nós, católicos romanos, ou nos inclinamos para uma fé pronta a fazer concessões ao protestantismo?* Eu reconheço a autoridade do Papa e a idéia de deixar a Igreja me causaria propriamente horror, mas eu permaneço fiel à minha profissão de fé de 1916 e dela não me moverei nem mesmo numa linha. Dizer que preferir a missa de São Pio V é um ato de rebelião não pode ser defendido» (pp. 150-151).

Dom Lefèbvre e a Nova Missa – Pe. Paul Aulagnier

Fratres in Unum.com

D – Conclusão

Eis a resposta que Dom Lefèbvre dirigiu ao Cardeal Seper.

A resposta é clara, limpa. Da missa nova, ele não quer. Ele não a celebrará, nem a tomará em seus seminários, não que ele não reconheça a validade dela, mas porque ela não exprime claramente as três grandes verdades sobre a doutrina da fé sobre a missa, ele a recusa em razão de seu aspecto equivocado.

Esta recusa da missa nova foi considerada, pela hierarquia, romana como **uma rebelião** que precisava ser condenada. Sua fidelidade à missa tridentina foi, com efeito, a razão de todas as sanções. Dom Lefèbvre, a justo título, as considerou sempre como nulas de pleno direito.

O Papa Bento XVI reconheceu finalmente, o que lhe honra, no Motu Proprio de 7 de julho de 2007, que a missa tridentina não foi jamais interdita na Igreja, fazendo assim justiça ao direito e à verdade. Ele aceitou depois de João Paulo II que um padre, uma instituição, pudesse ser “mono-ritualista”. É o caso da Administração Apostólica São João Maria Vianney, sob João Paulo II. É o caso do Instituto do Bom Pastor, com Bento XVI. Assim será para a nova forma canônica concedida à FSSPX. Mas Roma receberá críticas sobre a nova missa, já que fez ainda dela o rito “ordinário” de seu culto? Será o caso de ir mais adiante na reforma da reforma desejada por Bento XVI? A FSSPX saberá distinguir, nessa questão litúrgica, o aspecto prático e o aspecto doutrinal? Se ela não quiser ver nada além do aspecto doutrinal, as discussões arriscarão se eternizar ou mesmo ir ao fiasco. O que seria conseqüentemente gravíssimo...

Questão a seguir.

Na resposta de Dom Lefèbvre, viu-se a importância que ele atribuía ao pensamento litúrgico de Dom Guéranger e muito particularmente a suas obras “As Instituições Litúrgicas”. É nesta obra que se encontra o pensamento de Dom Guéranger sobre a heresia antilitúrgica. É bom conhece-la. Esse texto está certamente no coração de Dom Lefèbvre...